Componente curricular: HISTÓRIA

7º ANO – 4º BIMESTRE

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 11 – O tráfico de escravizados

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

* Analisar as especificidades do tráfico de escravizados realizado entre regiões da África e o Brasil, a partir do século XVIII, especialmente na região de expansão da mineração, considerando os agentes envolvidos.
* Reconhecer alguns aspectos do comércio e das condições de vida de escravizados e libertos nas regiões de mineração.

OBJETO DE CONHECIMENTO

A escravidão moderna e o tráfico de escravizados.

HABILIDADE

EF07HI16: Analisar os mecanismos e as dinâmicas de comércio de escravizados em suas diferentes fases, identificando os agentes responsáveis pelo tráfico e as regiões e zonas africanas de procedência dos escravizados.

PLANEJAMENTO DAS AULAS

Aula 1

O objetivo desta aula é estudar algumas características do tráfico de escravizados, em especial no século XVIII, entre a África e o Brasil.

Inicie a aula informando aos estudantes que a exploração do ouro provocou um aumento acelerado do tráfico de escravos. Mostre a eles alguns números. Por exemplo: entre 1601 e 1625, entraram no Brasil, aproximadamente, 164 mil africanos escravizados. Cem anos depois, entre 1701 e 1725, entraram aproximadamente 423 mil africanos escravizados. Cerca de 100 anos mais tarde, esse número subiria para mais de um milhão. Você pode encontrar tabelas ou gráficos sobre esse tema na internet, inserindo no programa de busca a expressão “entrada de escravos no Brasil”.

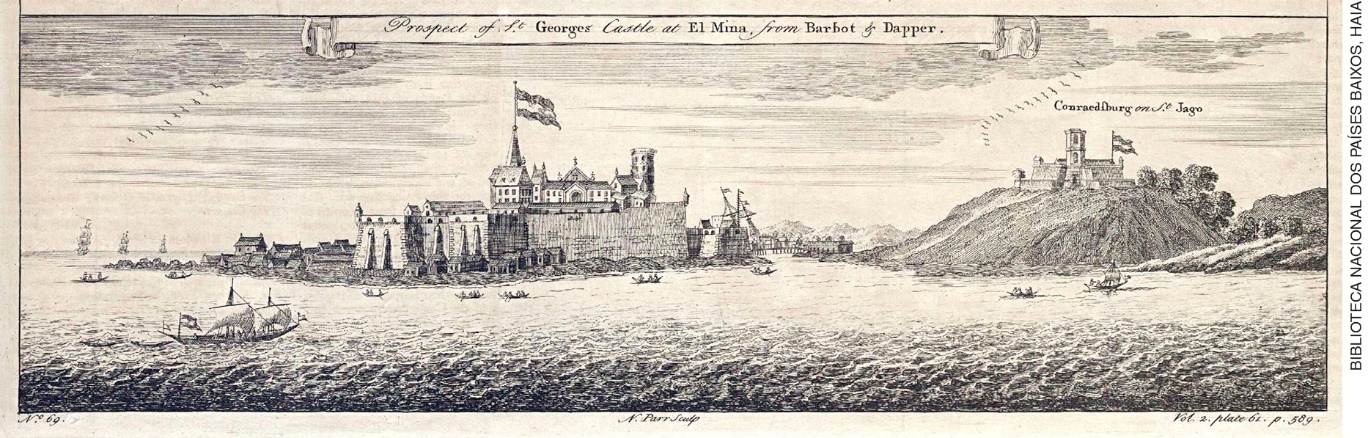
Comente com os estudantes que Portugal dominava algumas regiões no continente africano, como a dos atuais países de Angola e Moçambique, onde instalavam portos e feitorias para obter escravos. Segundo o historiador Manolo Florentino, em geral os traficantes de escravos negociavam com os africanos na base do escambo. Isso quer dizer que trocavam produtos como aguardente, armas de fogo, pólvora e tecidos, por pessoas escravizadas. Ele também explica que a maior parte dos escravizados eram prisioneiros de guerras internas entre os povos africanos. Compartilhe com os estudantes algumas palavras do próprio historiador:

“Na Luanda do século XVIII, comprava-se um homem adulto em boas condições físicas por quinze chapéus finos, ou em troca de quatorze pares de meia de seda.”

FLORENTINO, Manolo. Tráfico Atlântico, mercado colonial e famílias escravas no Rio de Janeiro, Brasil, c. 1790-c. 1830. História: Questões & Debates. n. 51, jul./dez 2009. p. 82.

O cientista político Jorge Caldeira considera que, com a exploração do ouro, o comércio de escravos aumentou tanto que os traficantes baianos começaram a negociar em regiões da África que estavam fora do domínio português, como a Costa da Mina. Essa região estava sob domínio dos holandeses desde o século XVII, quando eles conquistaram a Fortaleza de São Jorge da Mina (erguida pelos portugueses no século XV).

Projete para a turma a imagem a seguir, que representa a Fortaleza de São Jorge da Mina, para que os estudantes tenham ideia da grandeza do empreendimento.



Fortaleza de São Jorge da Mina. Século XVIII. Gravura. Biblioteca Nacional dos Países Baixos, Haia.

Jorge Caldeira diz, também, que a frequência de traficantes baianos na região da Costa da Mina era tão grande que foi criado um entreposto exclusivo para eles, a fortaleza de Ajudá, onde, a cada ano, aportavam mais de 20 navios oriundos da Bahia. Compartilhe com os estudantes o pequeno trecho a seguir:

“Assim como no Brasil, a economia local era movida por uma combinação de trocas diretas de mercadorias, negócios pagos com moeda, guerras, casamentos e acordos políticos. Isso permitia inclusive que mestiços brasileiros cuidassem de negócios numa cultura com que já estavam familiarizados.”

CALDEIRA, Jorge. A história da riqueza no Brasil – cinco séculos de pessoas, costumes e governos. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2017. p.156.

Ao analisar esse trecho, os estudantes devem perceber que as relações entre os brasileiros e os africanos eram mais profundas que as trocas econômicas advindas do tráfico: incluíam casamentos e relações políticas.

Os escravos traficados na Costa da Mina eram enviados para a Bahia e para a região das minas. Caldeira considera que os traficantes de escravos eram as pessoas mais ricas do Brasil colonial, mais ricos até do que os mineradores.

A fim de ilustrar as proporções e a importância do tráfico de escravizados no Brasil e também na África, você pode solicitar aos estudantes uma pesquisa sobre Félix Soares de Souza (chamado, muitas vezes, de o rei do Benin). Félix Soares de Souza era brasileiro, seu pai era português e sua mãe, indígena. Mudou-se para Ajudá, onde passou a trabalhar como um comerciante modesto. Revelou-se alguém hábil nos negócios e nas relações sociais.

Durante a pesquisa, informe aos estudantes que eles possivelmente vão encontrar diferentes opiniões sobre Félix Soares de Souza, que era um personagem bastante controverso (ele participou da Conjuração Baiana e teria abrigado alguns escravos malês, por exemplo).

Os estudantes devem registrar as principais informações encontradas e, no final da pesquisa, compartilhar os resultados com a turma e expressar suas impressões sobre o assunto.

Aula 2

O objetivo desta aula é estudar alguns aspectos do comércio de escravizados e das condições de vida de escravizados e libertos, especialmente nas regiões de expansão da mineração.

Inicie a aula comentando que alguns estudos apontam que, no século XVIII, Minas Gerais era a região com a maior população de negros do país. Entretanto, os mesmos estudos revelam que nem todos eram escravizados. Ao contrário: grande parte dessa população era de negros libertos.

Segundo o professor Eduardo França Paiva, a mineração provocou a rápida urbanização e a diversificação da economia na região das Minas. A população aumentou; pessoas de várias partes da América portuguesa e até mesmo de Portugal se dirigiam à região para tentar a sorte e buscavam escravos para trabalhar. Porém, cada minerador trabalhava com uma “equipe” pequena de escravos, com 4 a 5 cativos, em média. Na maior parte das vezes, o minerador trabalhava lado a lado com seus escravizados, criando uma relação senhor-escravo diferente da existente nos engenhos de cana de açúcar no Nordeste.

Além da flexibilização das relações, Eduardo França Paiva aponta, ainda, a possibilidade de compra da liberdade pelos próprios escravizados. Alguns cativos desenvolviam atividades “paralelas” como a venda de alimentos nas praças das cidades. Com isso, conseguiam reunir os valores necessários para a compra da liberdade. Às vezes, a compra era feita a prazo.

Após essas explicações, apresente aos estudantes um trecho do texto de Eduardo França Paiva. Após a leitura, confirme o entendimento e a compreensão da turma, perguntando que frases ou ideias do texto do professor confirmam as explicações dadas por você.

“Para que a enorme população forra mineira, talvez, uma das maiores em todo o Novo Mundo escravista, se formasse foi essencial a ocorrência daquele conjunto de características [...]. Vale a pena relembrar que a precoce diversificação da economia; a rápida e extensa urbanização; a circulação intensa de ouro em pó [...], a construção de um informal e abrangente sistema de crédito; a grande população escrava dividida em pequenos plantéis e a consequente estreiteza das relações entre proprietários e propriedades – em sentido amplo – tudo isto acabou favorecendo e muito, a possibilidade de formação de pecúlio entre os escravos. Não foram incomuns, por exemplo, os escravos proprietários de outros escravos.”

PAIVA, Eduardo F. Coartações e alforrias nas Minas Gerais do século XVIII: as possibilidades de libertação escrava no principal centro colonial. *Revista de História*. FFLCH-USP. n. 133, 1995. p. 56.

Dê continuidade à aula, ressaltando aos estudantes que a exploração do ouro provocou a diversificação social. Isso, porém, não quer dizer que a sociedade tenha se tornado menos desigual ou que a vida dos escravizados tenha melhorado. Apresente a eles os comentários do historiador Boris Fausto:

“Na base da sociedade estavam os escravos. O trabalho mais duro era da mineração, especialmente quando o ouro do leito dos rios escasseou e teve de ser buscado nas galerias subterrâneas. Doenças como a disenteria, a malária, as infecções pulmonares e as mortes por acidentes foram comuns. Há estimativas de que a vida útil de um escravo minerador não passava de sete a doze anos. Seguidas importações atenderam às necessidades da economia mineira, inclusive no sentido de substituir a mão de obra inutilizada.”

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. p. 89.

Considerando que analisar os diferentes pontos de vista é uma atitude bastante positiva nos estudos de história, aproveite o momento para apresentar aos estudantes as impressões e opiniões de André João Antonil (1649-1716), jesuíta italiano que chegou ao Brasil em 1681 e visitou a região das Minas:

“Não há cousa tão boa, que não possa ser ocasião de muitos males, por culpa de quem não usa bem dela. E até nas sagradas se cometem os maiores sacrilégios. Que maravilha pois, que sendo o ouro tão formoso e tão precioso metal, tão útil para o comércio humano, e tão digno de se empregar nos vasos e ornamentos dos Templos para o Culto Divino, seja pela insaciável cobiça dos homens, contínuo instrumento e causa de muitos danos? Convidou a fama das minas tão abundantes no Brasil homens de toda a casta e de todas as partes: uns de cabedal, e outros vadios. Aos de cabedal, que tiveram muita quantidade dele nas catas, foi a causa de se haverem com altivez e arrogância, de andarem sempre acompanhados de tropas de espingardeiros, de ânimo pronto para executarem qualquer violência, e de tomarem [...] grandes e estrondosas vinganças. Convidou-os o ouro a jogar largamente, e a gastar em superficialidades quantias extraordinárias sem reparo, comprando (por exemplo) um negro trombeteiro por mil cruzados [...].”

ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil*. São Paulo: Editora Obelisco, 1964. p. 61. Caderno de História.

O texto de Antonil é interessante porque trata-se de um testemunho. É uma crônica e não uma análise historiográfica. Além disso, ele mostra que havia escravizados com serviços especializados (trombeteiros, por exemplo) e fala sobre o movimento das cidades mineiras. Porém, sendo um texto histórico, é preciso ter cuidado na leitura. É recomendável que você leia esse texto juntamente com os estudantes, em voz alta, e identifique as palavras desconhecidas (como, possivelmente, “cabedal”, que quer dizer “posses ou recursos”, isto é, pessoas que tinham algum dinheiro).

Na qualidade de jesuíta, Antonil faz também uma pregação moral sobre a corrupção dos costumes que a riqueza pode provocar. Esse assunto pode ser debatido entre os estudantes.

Para encerrar a aula, proponha aos estudantes que façam uma breve pesquisa de imagens na internet utilizando as seguintes palavras-chave: “escravos Minas Gerais período colonial”. Os estudantes deverão identificar nas imagens alguns aspectos estudados nos textos. Oriente a pesquisa no sentido de selecionar somente as imagens produzidas por artistas da época. Nem todas as cenas mostrarão a região das Minas Gerais.

AVALIAÇÃO FINAL DAS ATIVIDADES REALIZADAS

Apresente as seguintes questões para os estudantes:

1. Em 1850 a lei Eusébio de Queirós proibiu o tráfico de escravizados devido a pressões do governo da Inglaterra. Por que o Brasil demorou tanto para extinguir esse comércio? A quem interessava a sua manutenção?

2. Como você viu, tanto o trabalho como a situação dos escravos, principalmente nas cidades, podiam ser bastante diversificados. Quais são as principais diferenças entre o trabalho escravo, do período colonial, e o trabalho nos dias de hoje?

Gabarito

1. Espera-se que o estudante desenvolva a capacidade de analisar os interesses dos sujeitos envolvidos nas diferentes situações. Os principais interessados eram os fazendeiros e mineradores, que compravam os escravos, mas também os traficantes, que ganhavam muito dinheiro com o comércio de escravizados.

2. Espera-se que o estudante identifique a liberdade e a remuneração pelo trabalho como as principais diferenças. Porém, os estudantes podem utilizar outras palavras para indicar o mesmo conceito. Por exemplo: um estudante pode dizer que, hoje, as pessoas não são vendidas como escravos, e caberá a você explicar que a venda, assim como o conceito de propriedade estão relacionados ao conceito de liberdade ou à falta dela, isto é, ao não reconhecimento da pessoa com um ser único e livre. Por outro lado, um estudante atento poderá observar que um escravizado podia vender produtos ou realizar serviços e receber pagamento em troca. Caberá a você explicar a diferença entre vender um produto que a própria pessoa produziu ou vender um serviço (havia escravos barbeiros, por exemplo) e trabalhar para uma outra pessoa (ou empresa) em um empreendimento dela, sem receber remuneração (salário) por isso.

AUTOAVALIAÇÃO

Sugerir que os estudantes respondam às seguintes questões, conforme a tabela:

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **Durante as aulas, eu:** | **SIM** | **NÃO** |
| Colaborei para as discussões de maneira positiva? |  |  |
| Ouvi com atenção as explicações do professor e realizei as pesquisas solicitadas? |  |  |
| Colaborei com meu grupo nas pesquisas, indicando as melhores fontes e as informações mais relevantes? |  |  |